

Confronto dos poderes

Archer diz que decidirá depois de falar com Sarney

Da Sucursal de Brasília

O ministro da Previdência, Renato Archer, disse ontem que só definirá uma posição sobre sua permanência no Ministério após conversar com o presidente José Sarney, o que não havia ocorrido até às 22h. Archer dedicou seu dia a conversas reservadas com sua assessoria e encontros com governadores, que pediam-lhe calma ou queriam saber sua posição após o pronunciamento do presidente José Sarney.

Pela manhã, ele se reuniu com a cúpula do Ministério em sua residência para fazer uma avaliação sobre o pronunciamento do presidente. Em cadeia nacional de rádio e televisão, Sarney anunciou números diferentes daqueles computados pelo Ministério da Previdência sobre o impacto das decisões da constituinte no caixa previdenciário. Segundo Sarney, haverá déficit. Para o Ministério, haverá equilíbrio.

Carta de demissão

As 12h, quando Archer recebia seu chefe de gabinete, José Gregori, o secretário-geral do Ministério, Aloísio Teixeira, e o coordenador de Comunicação Social, José Monserrat Filho, foi anunciado que não havia qualquer decisão ou intenção por parte do ministro de deixar o governo.

Mais tarde, no Ministério, a Folha apurou que a carta de demissão do ministro já estava pronta para ser entregue ao ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Sousa Mendes.

Archer conversou ainda com o vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson. Segundo Wilson, Archer anunciará sua decisão após falar com Sarney, o que deverá ocorrer ainda hoje. No Ministério, o clima era de expectativa: "Estamos aguardando o sinal para começar a

Newton diz que está 'apagando fogueiras'

Da Sucursal de Brasília

O governador de Minas, Newton Cardoso, disse ontem em Brasília que está "apagando pequenas fogueiras" geradas a partir do discurso de anteontem do presidente José Sarney. "Ninguém vai pedir demissão. O momento não é de confronto, mas sim de calma e entendimento", disse o governador, após audiência com o ministro da Previdência, Renato Archer.

Segundo Newton, o pronunciamento de Sarney teve algumas falhas, como, por exemplo, ao citar isenção de ICM: "Não é verdade. A participação dos Estados nos impostos é muito importante", afirmou, acrescentando, porém, que sobre a questão da Previdência, "a matemática é inexorável".

Sobre as respostas de Ulysses, Newton afirmou que acredita que as críticas ao Planalto não terão continuação. "A recomendação de Ulysses é que está tudo em paz", afirmou o governador, que conversou com o deputado pela manhã. Antes de se encontrar com Archer, Newton visitou o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, para "pedir calma". "Precisamos entender que este governo é formado por uma aliança. Temos ministros de várias correntes."

limpar as gavetas", disse um de seus assessores.

A única alteração na agenda de ontem do ministro da Cultura, Celso Furtado, 68, foi não comparecer à recepção oferecida pela embaixada do Japão aos participantes da reunião da Universidade das Nações Unidas, programada para 19h.

Durante todo o dia, o ministro não deu sinal algum de que estivesse sob



O ministro Renato Archer (Previdência) abraça o governador Newton Cardoso

a perspectiva de abandonar seu cargo.

O ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique, disse ontem que "o dr. Ulysses Guimarães foi o grande eleitor da votação de hoje". Segundo o ministro, "o discurso feito por Ulysses contribuiu para a consolidação da democracia e para a superação do impasse". "Ele foi aplaudido de pé duas vezes", afirmou Luiz Henrique.

Para Antônio Carlos, ministro da Previdência foi desleal e deve sair

Da Sucursal de Brasília

Após o desembarque do presidente José Sarney — que retornava de sua viagem ao Amazonas — o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, pediu a demissão do Ministro da Previdência, Renato Archer: "Penso que ele deveria sair. O ministro Archer não se comportou com lealdade para com o presidente Sarney e deveria pedir demissão", disse ACM. Sarney desembarcou às 20h40.

Antes, o ministro ironizou o discurso feito à tarde pelo presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães: "Não acho que foi forte, não. Acho que ele falou no caldo verde e no bacalhau pensando no Zé Lourenço e, no final, pensou na convenção do PMDB". Quando perguntado se Ulysses teria assumido uma posição de candidato à Presidência da República, ACM foi mais contundente: "Ele pode ser candidato a presidente do PMDB e, depois,

quem sabe, ser candidato a Presidência da República. Ele é jovem."

Compareceram à Base Aérea os ministros Prisco Viana, Ivan de Souza Mendes, Bayma Denny, João Alves, Ronaldo Costa Couto; o consultor-geral da República, Saulo Ramos; e os deputados José Lourenço (PFL), Roberto Cardoso Alves (PMDB), Ricardo Fiuza (PFL) e Gastone Righi (PTB). Sarney não quis falar à imprensa.

ACM passa dia "muito ruim" e se irrita com retransmissão do discurso

MAURO LOPES

Da Sucursal de Brasília

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, saiu de seu ministério às 20h35 para receber o presidente Sarney na Base Aérea de Brasília à beira de um de seus acessos de fúria. "Foi um dia ruim, muito ruim", murmurava, entrando no elevador, enquanto o discurso do deputado Ulysses Guimarães na sessão de ontem à tarde do Congresso constituinte era repetido em cadeia nacional de rádio e TV, depois de cortado em sua primeira transmissão por decisão de um funcionário da Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás).

"São uns incompetentes, são uns incompetentes", vociferava ACM, referindo-se aos funcionários da Radiobrás. "Ninguém ia assistir

este discurso de Ulysses; agora, temos que repetir e criou-se a maior expectativa em torno de um discurso que é lamentável", disse o ministro. Antônio Carlos estava assistindo o pronunciamento de Ulysses, quando houve o corte, às 19h40. Minutos depois, telefonava-lhe o ministro-chefe do Gabinete Civil, Costa Couto. Os dois acionaram o esquema para que o discurso de Ulysses fosse repetido.

O mesmo epíteto dirigido aos funcionários da Radiobrás, ACM reservou às lideranças governistas na Constituinte. "Quando viu que ia perder, nosso pessoal aderiu ao Ulysses e votou sim ao projeto", lamentou-se, inconformado com a desorganização da base parlamentar do governo.

No início da sessão da Constituinte, as lideranças parlamentares sar-

neyzistas estabeleceram a estratégia de retirada do plenário, no momento da votação. Depois, o líder do PFL na Câmara e Constituinte, José Lourenço, foi à tribuna e propôs a abstenção. Quase 30 deputados cercaram Henrique Hargreaves, assessor parlamentar de Costa Couto, pedindo orientação. No final, só 68 votaram contra o projeto de Constituição ou absteram-se e ninguém saiu do plenário.

A irritação de ACM acabou despejada sobre o deputado Júlio Campos (PDS-MT) e o senador Carlos Alberto (PTB-RN). Ao vê-los na ante-sala de seu gabinete, disparou: "Agora nós vamos dar prioridade aos pedidos dos 68 que se absteram ou votaram não". Campos e Carlos Alberto tinham votado sim, poucos minutos antes.

CRONOLOGIA DA CRISE E DOS BOATOS

0h

Ulysses Guimarães e os ministros Celso Furtado (Cultura) e Luiz Henrique (Ciência e Tecnologia) deixam a casa do ministro Renato Archer (Previdência). Archer e Celso Furtado manifestam disposição de se demitirem. Luiz Henrique vacila.

10h

Começam a circular pelo Congresso Nacional os boatos dando como certas as renúncias.

13h

Dá-se como certo que o anúncio das renúncias só ocorreria após o discurso de Ulysses ao plenário do Congresso constituinte.

13h30

Renato Archer recebe assessores e amigos para almoçar. Os rumores sobre a demissão ganham corpo.

15h

Archer, no ministério, diz que ainda não havia tomado qualquer decisão, mas que procuraria o presidente José Sarney assim que ele retornasse de sua viagem a Urucu (AM).

16h

Ulysses inicia seu discurso de 14 minutos.

17h

Ulysses declara que Archer não se demitirá e que não há crise.



17h45

Após encontro com o governador de Minas, Newton Cardoso, Archer diz que não irá mais atrás de Sarney. "Se ele quiser falar comigo que me procure, como sempre fez", diz. Newton reforça que não há crise. "O clima tenso se encerra com o discurso de Ulysses."

18h

Ronaldo Costa Couto, ministro-chefe do Gabinete Civil, diz que Sarney não apelará, o "quem quer que seja, para continuar no governo".